

Sistematização do Projeto

Heliópolis dos Sonhos

Tiana Lins

A sistematização do Projeto Heliópolis dos Sonhos realizado pelo Instituto Esporte & Educação, Aracati – Agência de Mobilização Social e Instituto Museu da Pessoa está colocada a partir de um olhar: a formação de jovens para a participação comunitária.

Assim, a idéia central desta sistematização é abordar a metodologia de formação de jovens para a participação comunitária (Educação para a Participação) como uma ampliação da participação em âmbitos mais restritos: reconhecimento de “quem eu sou” amplia-se para “quem eu sou dentro da minha família e comunidade”. Este processo passa pelo trabalho com identidade pessoal, grupal e comunitária através da re-construção e re-significação destes vínculos tendo a metodologia do registro de história de vida oral como base.

1. Elaboração inicial da metodologia do projeto: referências comuns e complementares trazidas pelos parceiros

O Projeto Heliópolis dos Sonhos foi desenvolvido e implementado a partir de referências metodológicas trazidas por seus parceiros realizadores: Instituto Esporte & Educação, Aracati Agência de Mobilização Social e o Instituto Museu da Pessoa.NET.

O Instituto Esporte & Educação - IEE tem sua atuação voltada para o esporte (vôlei) como meio educativo. Inicialmente o IEE trabalhava apenas com crianças e adolescentes de 7 a 14

anos em Heliópolis¹, mas percebeu a necessidade de envolver jovens egressos em aprendizados diferenciados e complementares ao vôlei. Foi a partir desta constatação que a Aracati e o Museu da Pessoa foram convidados a construir um projeto coletivo com foco na juventude de Heliópolis.

A Aracati – Agência de Mobilização Social tem como missão contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de participação juvenil no Brasil através da formação de jovens para a participação, do apoio a lideranças juvenis e da abertura e criação de espaços de diálogo, expressão e efetivação da participação juvenil.

O Instituto Museu da Pessoa, por sua vez, foi criado em 2001 e tem como objetivo disseminar, multiplicar e democratizar o acervo e a metodologia do Museu da Pessoa.Net, buscando ampliar o impacto social de seus projetos ao transformar em informação histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade, promovendo mudanças sociais por meio da reflexão sobre a identidade e valorização de indivíduos e comunidades.

O ponto de partida para a construção do projeto foi o alinhamento em relação à visão de que cada organização tinha do trabalho com o jovem para construir a metodologia do projeto. Assim, o princípio metodológico que norteou o Projeto Heliópolis dos Sonhos foi a construção de vínculos libertadores, respeitosos e comprometidos do educador com o jovem, do jovem consigo mesmo, com o outro e com a sua comunidade que promovessem a atuação concreta na sua realidade através de oficinas, vivências, visitas e experiências práticas.

¹ Primeiro espaço de atuação do IEE.

Objetivo geral:

- Fortalecer o processo de desenvolvimento e participação da comunidade de Heliópolis, através da inclusão do jovem como sujeito de ações sociais e da valorização da história local.

Objetivos específicos:

- Reforçar nos jovens uma visão positiva sobre si mesmos e sobre seu potencial de transformação social;
- Contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico, a partir de uma visão ampliada da comunidade e seu papel como jovem empreendedor;
- Incluir o jovem em espaços de discussão e participação que digam respeito a questões relativas a comunidade de Heliópolis e suas vidas;
- Valorizar a história local através da história de vida de moradores e/ou pessoas que fizeram e fazem o dia a dia de Heliópolis;
- Estimular os vínculos entre os jovens e a formação de grupos juvenis;
- Promover um olhar positivo e uma atitude pró-ativa de atores da comunidade de Heliópolis em relação à participação social do jovem.

2. Escopo do projeto: suas etapas e abordagens

A partir da definição do princípio metodológico e dos objetivos do projeto, cada organização trouxe um pouco de suas experiências anteriores que tinham relação com juventude, participação, identidade, criação e fortalecimento de vínculos, elaborando, assim, o escopo do projeto foi constituído e implementado em 6 fases:

1. **Aquecendo os motores:** com duração de 2 meses, foi nesta etapa do projeto em que a equipe foi selecionada e formada e capacitada, através de um alinhamento pedagógico e do detalhamento das fases seguintes. A equipe do projeto foi então composta por duas educadoras, sendo uma com nível superior e outra residente na comunidade, uma coordenadora e duas supervisoras (provenientes da Aracati e do Museu da Pessoa);
2. **A foto do grupo:** com duração de 2 meses, esta fase marcou o começo do projeto com os jovens e da divisão dos mesmos em 2 grupos de 20 jovens cada. Após a seleção na qual foi priorizada a entrada de jovens participantes do vôlei (com aplicação de questionário de Marco Zero), deu-se início ao processo educativo de auto-conhecimento e valorização da auto-estima, através, principalmente, da coleta de suas histórias de vida, de sua família e pessoas próximas. Para isto, os jovens aprenderam com formadores do Museu da Pessoa toda a técnica de coleta de histórias de vida. Após este fortalecimento da identidade (vínculos consigo mesmo), o projeto estimulou a grupalização (vínculo com os outros), fortalecendo a identidade do grupo a partir do reconhecimento das individualidades de cada um, discussões sobre assuntos ligados à juventude e vivências grupais.
3. **Zoom, um olhar jovem para Heliópolis:** com duração de 3 meses, esta foi a etapa em que os jovens voltaram-se para olhar a comunidade, elaborando um diagnóstico. Com formação para coletar histórias de vida

dos moradores e munidos de câmera fotográfica, gravadores, papel e lápis, os jovens foram a campo para conhecer e reconhecer a comunidade (infância, chegada na Heliópolis, sonhos, desejos de mudança etc), reconstruindo, assim, vínculos com as pessoas e com espaço em que vivem. É só a partir da re-significação do ambiente com o qual e sob o qual irão atuar, que os grupos definiram, a partir da análise crítica das informações e percepções, a área dos seus projetos: meio ambiente e cultura.

4. **Dando cara e cor ao sonho:** com duração de 1 mês, os dois grupos passaram por oficinas de elaboração dos seus projetos, favorecendo a organização de suas idéias para a ação. Ao final desta etapa os Planos de Ação Juvenil de cada grupo estavam concluídos e a identidade de cada um fortalecida através a criação dos nomes dos grupos: *Helipalimpa – Jovens de Atitude e Ação Jovem – Incentivando a Cultura em Heliópolis*.
5. **Fazendo acontecer:** a fase mais longa do projeto, com 9 meses, foi a implementação acompanhada dos Planos de Ação Juvenil. No início desta etapa foi necessário rever e adequar os Planos em um constante exercício de planejamento coletivo e formação específica para cada tema (de quase 3 meses), promovendo a apropriação dos projeto pelos jovens. Os jovens experimentaram o exercício da participação, vivenciando situações de conflito, tomada de decisões, frustrações, resiliência e muitos aprendizados explorados pelos educadores. A avaliação individual e coletiva foi constante com o apoio da Carta de Princípios, instrumento que

estimulava a reflexão e avaliação individual através de 9 princípios e valores trazidos pela equipe do projeto e pelos jovens.

6. **Costurando a história:** com duração de 1 mês, esta fase foi marcada pelo resgate de tudo o que aconteceu no projeto, destacando os momentos de maior aprendizado em relação à autonomia e à participação. Foram realizados processos avaliativos como o preenchimento do Marco Final, construção de linha do tempo, compartilhamento das Cartas de Princípio e costura de uma Colcha de Retalhos do projeto expressando os aprendizados ao longo do projeto.

3. Participação social como meio e meta

A participação – eixo central do projeto – é pensada e trabalhada como meta (objetivo) e como meio (processo).

Como **meta** entendemos a participação social como uma extensão do assumir as rédeas da própria vida, ou seja, o pleno exercício da cidadania. O fortalecimento da identidade pessoal e social, da auto-estima e dos vínculos grupais e comunitários faz parte, assim, da formação que almeja como resultado um jovem sujeito de direitos e deveres, portanto, um ser autônomo, solidário e participante da sua realidade.

Como **meio**, a participação é também um processo de aprendizado necessário para a formação para a vida, pois ninguém nasce sabendo viver em comunidade, muito menos de maneira participativa e democrática. Neste processo, os valores democráticos, assim como a solidariedade, respeito, e a valorização da

diversidade, são constantemente experimentados, re-significados e avaliados através de vivências e da reflexão dos desafios nascidos no decorrer do projeto. É a partir de experiências concretas na casa, na escola e na comunidade que os jovens foram aprendendo e incorporando a prática e os valores da participação social às suas vidas.

A visão da participação como processo e como objetivo está intimamente ligada na *práxis* do projeto. No entanto, é necessário que o início deste aprendizado seja marcado pelo encontro consigo mesmo, favorecendo o auto-conhecimento e fortalecendo a auto-estima, a auto-confiança e, conseqüentemente, a identidade do jovem. Esta é a fundação para a formação de jovens para a participação social, pois somente conscientes de quem são (seres em processo constante de mudança com determinadas forças e desafios) poderão dialogar com o outro, provocando transformações em si mesmos e na sua comunidade.

Estas transformações, quando disparadas por desejos sinceros de mudança e por reflexões críticas, são mais facilmente experimentadas nos âmbitos familiares ou em âmbitos mais restritos nos quais os jovens sintam confiança e liberdade para experimentá-las. É natural, portanto, que as mudanças iniciais sejam percebidas pelos pais ou responsáveis e pelos próprios educadores do projeto quando se consegue criar um ambiente seguro e nutritivo para o aprendizado no grupo.

No projeto Heliópolis dos Sonhos, os jovens experimentaram desde a definição do horário do intervalo e a tomada de decisão por consenso até a facilitação das oficinas e a implementação autônoma dos planos de ação.

4. Fortalecimento da identidade individual e coletiva

Intrínsecamente relacionada à participação, como já colocado anteriormente, está o fortalecimento da identidade individual e coletiva, que neste projeto deu-se, principalmente, através da coleta e compartilhamento das histórias de vida dos jovens e da comunidade.

Para compreendermos melhor o papel da história de vida neste processo, a equipe do projeto (coordenadora e educadoras) e, posteriormente, os próprios jovens precisaram passar por uma formação realizada pelo Museu da Pessoa na qual compartilhamos alguns conceitos norteadores:

- A história dá senso de identidade e pertencimento e pode estabelecer novos valores sociais;
- A história de cada pessoa é valiosa para a construção de uma memória social;
- A memória oral abre espaço para a transmissão de experiências que se perdem com o passar das gerações;
- Coletar e organizar histórias de vida são formas importantes de produzir conhecimento;
- Cidadania inclui o respeito à história e aos valores de cada um.

A concepção e implementação do projeto não foram motivadas pelas necessidades do bairro e pelas carências dos indivíduos e sim pelos seus ativos e riquezas, olhando para o local e as pessoas não só pelo que lhes falta, mas principalmente por aquilo que eles têm de fato e enquanto potencial.

Em um contexto cultural como o de Heliópolis em que os moradores, principalmente os jovens,

tendem a desvalorizar o lugar onde vivem e suas capacidades pessoais, o reconhecimento e valorização da memória ganhou um papel central na formação dos jovens para a participação.

Partindo desta crença, o trabalho foi iniciado com a valorização da história de cada jovem membro do projeto através de atividades como:

- Pesquisa e compartilhamento da história do nome;
- Construção, a partir do estudo de várias tendências artísticas, do auto-retrato;
- Elaboração e exposição da história de uma foto escolhida pelo próprio jovem;
- Coleta e registro em trios da história de vida de cada jovem, precedida pela formação específica desta técnica e construção coletiva de roteiro.

No trajeto entre a valorização da identidade pessoal e a identidade social, o projeto também explorou a identidade grupal através das histórias de vida e, posteriormente, com a criação do nome e logomarca dos grupos. Como atividades relacionadas a este trajeto tiveram:

- Compartilhamento das histórias de vida;
- Criação da história de um personagem para cada grupo a partir das semelhanças e peculiaridades existentes no coletivo das histórias coletadas;
- Criação de rádio-novelas com estes personagens;
- Festival de História de Vida no qual os jovens apresentaram para a comunidade quem são a partir de todos estes trabalhos;
- Criação de uma coleção virtual "Heliópolis dos Sonhos" no Portal do Museu da Pessoa.

A história da comunidade contada pelos seus moradores foi a mola propulsora para a ação dos jovens. Para o desenvolvimento de uma comunidade é fundamental que jovens e adultos valorizem suas origens e desejem preservar suas histórias, sua cultura. Essas histórias ajudaram na construção de um novo olhar do jovem para o lugar onde mora, para as pessoas com as quais vive e para suas origens, mobilizando sentimentos e valores como co-responsabilidade, cooperação e cidadania que deixaram de fazer um sentido teórico e distante para fazer parte das relações cotidianas.

No processo de coleta destas histórias os jovens:

- Criaram um mapa da comunidade de Heliópolis;
- Traçaram caminhos a serem percorridos;
- Identificaram pessoas para entrevistar;
- Andaram pela comunidade por locais que alguns nunca tinham pisado;
- Marcaram entrevistas com pessoas desconhecidas;
- Visitaram casas de moradores, estabelecimentos comerciais e organizações;
- Ouviram histórias das pessoas;
- Registraram com gravador de áudio, máquinas fotográficas e desenhos histórias de pessoas e locais que nunca tinham percebido anteriormente.

A coleta das histórias foi muito rica para que os jovens percebessem os ativos e a diversidade de pessoas em Heliópolis, estimulando, posteriormente, a análise crítica do cenário – diagnóstico – para a construção dos planos de ação.

5. Trabalho com o ser integral

O fazer educativo é tão importante quanto o pensar educativo. Desta maneira, o projeto deu grande importância ao trabalho não apenas racional e cognitivo. Os jovens do projeto freqüentavam escolas públicas que, como a maioria das escolas brasileiras públicas e particulares, transmitem informações e conhecimentos sem experimentação. É esperado que através da leitura e da escrita o aprendizado aconteça, explorando apenas a razão.

Para um aprendizado para vida, o ser humano precisa explorar o olhar, o sentir, o fazer e o refletir. Desta maneira, o projeto explorou durante todas as suas etapas métodos lúdicos, criativos, participativos, poéticos e artísticos para gerar aprendizados nos pilares definidos por Jacques Delors no Relatório da UNESCO, "Educação um Tesouro a Descobrir":

- O aprender a ser;
- O aprender a conviver;
- O aprender a fazer;
- O aprender a aprender.

6. Processo de aprendizado grupal

O grupo é fonte de aprendizados diversos. Com o outro e através do outro é possível o exercício do re-conhecimento, da solidariedade, do compartilhar etc. Neste sentido, o projeto deu uma grande ênfase à formação dos 2 grupos, à criação dos vínculos entre os membros do grupo, à construção de uma identidade grupal e à implementação do plano de ação pelo grupo (co-responsabilidade).

Tendo como base a metodologia de grupo operativo, as educadoras exerceram um papel fundamental ao "ler" o grupo e ajudar os jovens a esclarecer os conflitos. Esta leitura dá-se sem

desconsiderar os indivíduos que fazem parte dele, promovendo a reflexão em torno de uma "tarefa" central: execução dos planos de ação com qualidade nos resultados. Assim o educador procura a superação de desafios interpessoais e operacionais em torno de uma "tarefa" escolhida, desenhada, executada e avaliada por todos através do diálogo, participação e exercício do consenso.

Segundo Célia Schlithler², durante a realização da tarefa, as educadoras (coordenador do grupo) têm a função de explicitar os conflitos, ajudar a esclarecê-los, tendo em vista a realização dos objetivos. Assim as dificuldades vão sendo superadas e o grupo percebe que precisa cooperar para crescer.

"Para a cooperação prevalecer, é preciso incentivar o conhecimento entre os integrantes para que eles se vinculem, sentindo-se importantes e importando-se com os outros. É assim que surge a confiança e o compromisso: as pessoas já se conhecem, sabem que o grupo precisa delas para dar conta de sua tarefa e se empenham para participar. Quando o grupo já consegue lidar com suas diferenças e é capaz de esclarecer os obstáculos, ele fica mais criativo, cresce e caminha em direção a finalidade."³

O quadro abaixo serviu para formar os educadores dentro desta perspectiva e, constantemente, avaliar o processo de grupalização (trajeto entre o agrupamento e o grupo) no projeto.

² Célia Schlithler é especialista em grupalização através da metodologia de grupo operativo. Atualmente Coordenadora da Área de Desenvolvimento Comunitário do IDIS, Célia trabalhou na Aracati em projetos de formação de redes e de grupo de educadores.

³ Schlithler, Célia. **Grupalizar para Transformar**. Artigo disponibilizado pela autora em suas formações.

	AGRUPAMENTO	GRUPO
Interesses	exteriores	fortes e interiorizados
Conhecimento	anonimato	profundo
Relacionamento	superficial	vincular, interdependente
Comunicação	Indireta	direta
	unilateral	bilateral (feedback)
Objetivos	em comum (individuais)	comuns a todos (grupais)
Diversidade	problema	riqueza
Atitudes	autocentrada	descentrada
	sem compromisso	com compromisso
	sem confiança	com confiança
	competitiva	cooperativa
	passiva	pró-ativa
Sentimento	impotência	motivação
Ação	não refletida	integrada com pensamento e emoção
	circunstancial	transformadora
Relação com o externo	negada	crítica

Quadro elaborado por Célia Schlithler no artigo "Grupalizar para Transformar".

7. Carta de Princípios como método auto-avaliador individual e grupal

A Carta de Princípios é um método que vem sendo aplicado e aprimorado pela Aracati desde 2000 com a intenção de reforçar no cotidiano do projeto a reflexão e a ação em torno de valores percebidos como essenciais na formação do jovem para a vida.

Os princípios e valores são revistos pela a equipe do projeto que re-significação, acrescenta ou elimina alguns deles. Depois disto, os princípios são levados até os jovens para que se apropriem deles e/ou sugiram alguma alteração. No projeto Heliópolis dos Sonhos tivemos os seguintes princípios: respeito, diversidade, ação multiplicadora, compromisso com a transformação, confiança e otimismo, auto-crítica, autonomia, solidariedade e cooperação, sinceridade e transparência. Ao

terminar este processo cada jovem recebe a sua Carta.

Ao longo da etapa "Fazendo Acontecer", os membros dos 2 grupos fizeram 3 auto-avaliações individuais e coletivas através da Carta. Abaixo trazemos um exemplo de como foi abordado e avaliado um dos princípios do Projeto individualmente. Depois da avaliação individual, o educador compartilhava os resultados e construía um resultado do grupo através do consenso:

Diversidade

Valorizar a diversidade não significa apenas valorizar o que é de diferente. Valorizar a diversidade significa compreender a diferença como fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade. Esta compreensão se realizada no ato de conhecer, escutar e entender o outro. E às vezes até discordar dele, por que não?

Ao dar voz, olhos e ouvidos às pessoas de diferentes origens, trajetórias e realidades, enriquecemos a nossa visão e compreensão do mundo superando preconceitos e problemas atuais.

Quando fazemos parte de um grupo que tem um objetivo comum, como no Projeto Heliópolis dos Sonhos, podemos valorizar a diversidade incentivando que todos os integrantes do grupo falem e sejam ouvidos e, ainda, que todas as idéias sejam respeitadas. Dar abertura para que outras pessoas contribuam na ação do grupo também é valorizar a diversidade. Que tal pensarmos mais um pouquinho nisso?

Quando um grupo consegue perceber os talentos de cada integrante e aproveitar estas diferentes habilidades para contribuir com o projeto, isto é valorizar a diversidade! O grupo não precisa gostar de fazer as mesmas coisas! Já pensou se todos quisessem fazer aula de dança ou se todos quisessem falar com os síndicos do prédio sobre o lixo?

Pontos para observação:

1. Os integrantes do grupo se sentem à vontade para expor suas idéias e opiniões?
2. Durante as decisões a serem tomadas o grupo está conseguindo ouvir, considerar e discutir todas as opiniões antes de tomar uma decisão?
3. Os integrantes do grupo estão conseguindo discordar de idéias e discuti-las com tranqüilidade e respeito?
4. As ações do projeto são diversificadas o suficiente para que todos os integrantes sintam-se contemplados e participantes?

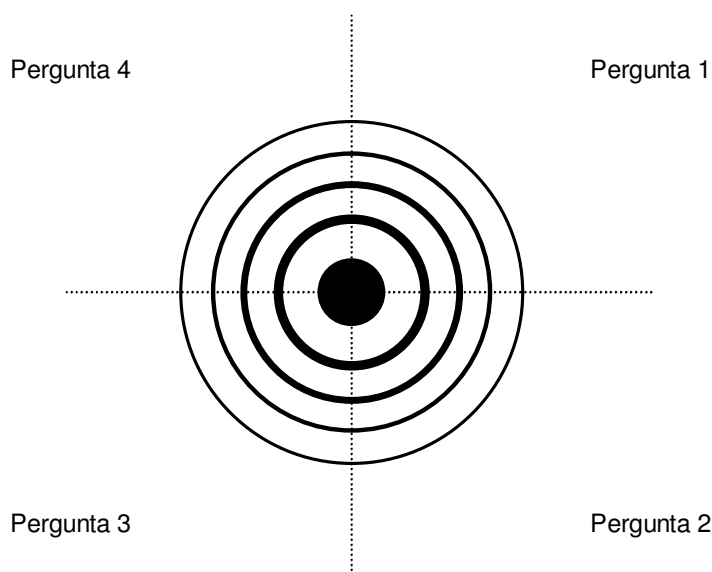
Reflexão: Diversidade

Individual

Reflita sobre as perguntas feitas e situe no diagrama abaixo onde você se encontra no alvo. Não esqueça de colocar a data em que você está preenchendo.

Partindo da borda para o centro do alvo:

- Ainda não desenvolvi essa habilidade;
- Percebi que preciso desenvolver essa habilidade, mas ainda não consigo agir dessa maneira;
- Já consigo agir dessa maneira, mas não sempre;
- Desenvolvi essa habilidade, mas ainda preciso melhorar;
- Agir dessa maneira já é parte de minha forma de ser;



8. Facilitação x condução

A atuação das educadoras é baseada na facilitação de processos que têm como origem o próprio grupo, como colocado anteriormente na referência à metodologia do grupo operativo. Esta facilitação, no entanto, não ignora a intencionalidade educativa presente em um projeto de formação de jovens para participação social.

É no exercício da liberdade de escolha dos membros do grupo que o facilitador atua promovendo questionamentos que levem à reflexão e à ação, ou seja, ao aprendizado. A interferência no sentido de alterar o curso do grupo também acontece, mas momentos pontuais a partir do caminho que o grupo está trilhando. O processo educativo configura-se, assim, como uma contribuição baseada nas demandas dos jovens através da percepção que as educadoras trazem do grupo e/ou para o grupo orientando pelos objetivos e propósitos do projeto. É uma “via de duas mãos”.

Atuar desta maneira exigiu uma atenção redobrada das educadoras e da equipe, assim como uma auto grau de sensibilidade e de capacidade de leitura do grupo. Nos primeiros momentos do projeto, as educadoras coordenavam e determinavam com maior frequência o andamento das oficinas, enquanto na fase de implementação dos planos de ação esta interferência foi diminuindo no mesmo ritmo do exercício da autonomia dos jovens. Esta fase de mudança não aconteceu foi facilmente requerendo uma abordagem específica neste sentido nos encontros de supervisão.

9. Plano de Ação/ Projeto de Intervenção como resultado de um compromisso com a comunidade

O projeto Heliópolis dos Sonhos preparou o jovem para ter autonomia sobre a sua vida, considerando também a vida das pessoas que estão nos seus círculos mais próximos. Os direitos não vêm descolados das responsabilidades e a implementação dos planos de ação é a efetivação tanto dos direitos como das responsabilidades.

Além disso, a pedagogia por projetos é uma ferramenta que possibilita o jovem a construção

e sistematização de conhecimentos, em função de um desejo de intervenção social e produtiva, que re-significa e torna real seus aprendizados.

A elaboração dos planos de ação aconteceram através de oficinas participativas com métodos já experimentados pela Aracati que incluem o mapeamento dos ativos na comunidade, a construção da árvore de problemas, definição de objetivos, ações, cronograma, responsáveis e orçamento.

Por ter 2 grupos com vivências diferenciadas, também foram construídos 2 planos de ação, um na área de Meio Ambiente (Helipalimpa, Jovens de Atitude) e na área de Cultura (Ação Jovem, Incentivando a Cultura em Heliópolis).

Grupo Ação Jovem - Incentivando a Cultura em Heliópolis

Este Plano de Ação, que contou com a participação direta de 20 jovens, teve como objetivo incentivar que moradores da comunidade, principalmente jovens, pudessem acessar informações e vivências culturais.

Todo o projeto girou em torno da elaboração e distribuição da Revista Ação Jovem. Com a frequência de praticamente dois meses, ela trouxe temas centrais e a partir destes temas (escolhidos pelos jovens com base em pesquisas na comunidade) os jovens:

- Passaram por processos de formação com especialistas;
- Elaboraram artigos com o que aprenderam na formação para a revista;
- Elaboraram e implementaram oficinas educativas relacionadas ao tema da revista em escolas públicas municipais e estaduais;

- Pesquisaram o que a comunidade conhecia e/ou interessava-se neste tema e publicaram na revista;
- Publicaram em um dos espaços da revista um calendário de eventos culturais, priorizando as redondezas de Heliópolis; e
- Elaboraram o Portão Cidadão, cartaz quinzenal contendo calendário cultural que foi pregado em escolas e espaços comunitários;
- Publicaram nas edições da revista algumas histórias de vida dos jovens participantes do projeto.

Além da revista, o Grupo Ação Jovem também realizou o evento Dia D` Música com grupos musicais de dentro e de fora da comunidade. Também foram organizadas salas temáticas nas quais aconteceram atividades diversas.

Grupo Helipalimpa - Jovens de Atitude

Também com 20 jovens no seu núcleo central, este projeto teve como ação central a visita de jovens a famílias, exercendo o papel de agentes comunitário do meio ambiente (Helipalimpa em casa).

Estas visitas educativas às casas dos moradores foram precedidas por formação na área de meio ambiente com especialistas. Como parte da formação, os jovens fizeram visitas às famílias da região escolhida para iniciar o trabalho com a finalidade de iniciar um relacionamento e conhecer a realidade destes moradores, através da coleta de histórias de vida e de questionamentos específicos sobre o meio ambiente no cotidiano deles.

Após a primeira fase da formação e visitas a postos de saúde e hospitais da região, o grupo elaborou um material didático com diversas ilustrações que serviu de apoio na realização das

visitas às famílias, contendo informações sobre os danos que o lixo causa como enchentes, doenças e ratos (problemas citados como os mais importantes pelos próprios moradores).

Esta ação deu origem ainda a um documentário e a uma peça teatral. O documentário foi realizado pelos jovens em parceria com a organização social Arrastão – Movimento de Promoção Humana e mostrava imagens do que o lixo causa (enchentes, doenças, infestações de ratos, baratas e insetos), depoimentos de moradores da comunidade que sofrem com o problema e os jovens trabalhando no Helipalimpa em Casa. O documentário foi utilizado em oficinas com jovens e adultos da comunidade com o objetivo de trazer uma consciência maior acerca da realidade de Heliópolis sobre meio ambiente. Já a peça teatral, também elaborada pelo grupo, teve como objetivo transmitir informações sobre meio ambiente e saúde às crianças das famílias visitadas e crianças dos núcleos sócio-educativos da UNAS.